

6

Conclusão

É preciso ter um caos dentro de si para dar à luz uma estrela bailarina.

F. Nietzsche

A pergunta “o que é jornalismo hoje?”, diante da tecnologia de comunicação em rede e das novas possibilidades de expressão e de interação que ela proporciona, nos conduz a pensar também como será o jornalismo de amanhã. Com o surgimento da Internet, o jornal impresso está definitivamente condenado à extinção? Seu suporte tecnológico vai mudar (do papel para a tela do computador)? Se isso ocorrer, que estilo de notícia os jornais adotarão? Os que vigoram hoje na mídia impressa? O estilo ultrafragmentado dos noticiários em tempo real? O formato mais analítico e opinativo dos blogs? Um pouco de tudo? Ou um formato completamente novo? Os blogs jornalísticos vieram para ficar ou são moda passageira? Como fica o exercício da profissão de jornalista, numa época em que qualquer um pode produzir notícias e as veicular em rede mundial? Qual o sentido de produzir essas narrativas? São muitas as perguntas suscitadas.

Uma das primeiras conclusões que se apresentam, dado o nosso trajeto, é que a Internet é uma fonte de renovação possível, já em curso, no jornalismo impresso tradicional. A chegada da rede acentua uma crise preexistente, mas pode indicar caminhos para sua superação, assim como o caos dá a luz à estrela bailarina. Em vez de aniquilar os jornais, a Internet pode ajudá-los – como a nosso ver já está fazendo – a encontrar possibilidades narrativas que revigorem a prática jornalística, a partir de um modo de produção que permite, ao mesmo tempo, mais liberdade e maior contato com o receptor, uma figura até recentemente esquecida no processo de comunicação.

O jornalismo impresso terá de assumir novos papéis para conviver com as possibilidades trazidas pela Web e, segundo pensamos, o fará por meio do jornalista de carne e osso, capaz de exercer sua subjetividade em sua prática profissional. O jornalista, ora como produtor, ora como receptor da comunicação, se depara nos blogs

com uma multiplicidade de modos de narrar que põe definitivamente em xeque o padrão a partir do qual a prática da profissão se constituiu na modernidade. Ao alterar as fronteiras entre o que é e o que não é jornalismo, entre quem é e quem não é jornalista, a Internet obriga o jornalismo a se repensar e, por que não, a se reinventar.

Na Internet, as narrativas jornalísticas inovadoras não estão presentes apenas em *sites* independentes e jornais alternativos, mas também em produtos *on line* dos jornais tradicionais, como os blogs. A audiência tem respondido rápido. No dia 11 de dezembro de 2006, Josias de Souza publicou um *post* dizendo que, de agosto a novembro, seu blog recebeu nada menos que 7,1 milhões de visitas – 1,1 milhão em agosto, 2,2 milhões em setembro e 2,3 milhões em outubro, quando foi realizado o segundo turno das eleições, mais 1,5 milhões em novembro. Para efeito de comparação: o jornal de maior tiragem do país, o *Extra*, imprime 467 mil exemplares aos domingos. O segundo maior, *O Globo*, imprime 378 mil e a *Folha de S. Paulo*, do grupo do blog de Souza, 368 mil. Nós nos perguntamos se esse sucesso de audiência não estaria ao menos parcialmente⁸³ relacionado a uma aprovação dos leitores à ousadia narrativa de blogueiros como ele, bem como à evidência da adequação dos textos dos blogs a essa nova mídia.

Nos blogs, conceitos paradigmáticos da profissão, como a neutralidade, a atualidade e a objetividade ganham novos contornos, e critérios de noticiabilidade demandam revisão. O passeio pelos principais critérios que orientam a seleção de notícias no jornalismo impresso tradicional inspirou algumas correlações relevantes com os blogs jornalísticos que analisamos. Como nos jornais, estão presentes nesses blogs tanto critérios de seleção como morte, notoriedade, infração e novidade, entre outros, quanto critérios de construção de texto, como simplificação, dramatização, personalização e consonância. Sobretudo esses últimos encontram outros contornos nos blogs. Eles são ora amplificados (caso da personalização), ora ultrapassados (isso ocorre freqüentemente no caso da simplificação). A consonância ganha nos *hiperlinks*

⁸³Sabemos que muitos são os fatores que influenciam a audiência de uma página na Internet. A chamada de matéria num *blog* de grande audiência é um desses fatores. O próprio Josias de Souza nos disse que o fato de seu blog estar vinculado ao UOL, o portal de maior audiência no país, ajuda muito a atrair leitores.

uma nova feição e a dramatização, associada ao humor, adquire leveza e é ressignificada.

A análise caso a caso mostra que uns valores-notícia são transpostos mais claramente para os blogs do que outros. Mas, particularidades à parte, todos são encontrados. Por outro lado, esses valores não bastam para enquadrar todos os conteúdos que compõem os blogs. Que valor-notícia teria, por exemplo, o texto em que Jorge Bastos Moreno discute a relação com os leitores de seu blog? Qual é o valor-notícia do poema que Noblat publica todas as noites em seu blog? E o de um texto sobre as eleições de 2002 que Josias de Souza republicou às vésperas do segundo turno de 2006?

Nos blogs, o lugar da notícia é ocupado também por conteúdos que não se enquadram nos critérios de noticiabilidade. Como devemos chamar esses textos fora de enquadramento? Simplesmente de conteúdos? O fato de esses textos estarem publicados em blogs tidos como jornalísticos, vinculados a grandes grupos de comunicação e feitos por jornalistas profissionais de grande experiência faz deles automaticamente notícias? Ou se eles não atendem a determinados critérios básicos do jornalismo não podem ser considerados como tais? São artigos? Notas de coluna? Textos de diário que nada têm a ver com jornalismo? Moreno nos disse que seu blog não é de jornalismo, é de jornalista. Sendo assim, seus *posts* não seriam notícias. Essa resposta não nos parece tão óbvia. A nosso ver, os blogs expandem as fronteiras do jornalismo, ao colocar novos problemas, ao demandar outro olhar para se enxergar a prática na atualidade.

Num jornal impresso, um texto como o que Moreno escreveu, em forma de oração, sobre a ação do PCC em São Paulo, poderia ser publicado como um artigo assinado a partir de algumas adaptações. A relação dos jornalistas com os leitores poderia ir parar numa sessão de *ombudsman*, caso *O Globo* tivesse uma? Parece-nos que, nesse caso, seriam muitas as adaptações necessárias, pois o tom irreverente do jornalista não combina bem com a sobriedade de um *ombudsman*.

Uma poesia poderia ser publicada no caderno cultural, mas só se tivesse algum gancho de atualidade. (E as que Noblat publica não costumam ter, elas funcionam como uma espécie de despedida do leitor no fim do dia, uma forma do

blogueiro dizer que a vida não é só *hard news*⁸⁴.) No blog está tudo ali, junto, no mesmo espaço, desafiando os enquadramentos existentes, relativizando os valores que constituíram o jornalismo não só do ponto de vista das escolhas temáticas que o profissional faz como também da perspectiva da forma como ele conduz suas narrativas, com muito mais liberdade estilística, como vimos nos jornais dos primórdios do jornalismo brasileiro.

Caso pretendêssemos delinear valores-notícia para os blogs, poderíamos propor enquadramentos como “pessoal”, para textos em que o blogueiro fala de sua própria vida ou profissão; “referência aos leitores”, para textos que discutissem o jornalismo e o relacionamento com leitores; “entretenimento”, que enquadraria os poemas, músicas e charges; entre outros. Mas essa não seria uma solução definitiva. Isso porque, em seu ímpeto criativo, os jornalistas-blogueiros estarão sempre a produzir outros textos fora dos padrões. Uma das novidades do blog, para o bem e para o mal, é colocar os padrões abaixo.

Como lembra René Berger (2003), a ciência moderna impôs à sociedade ocidental o Verdadeiro experimental, banindo outras formas de verdade e impondo a separação entre sujeito e objeto. Esse e outros paradigmas da modernidade foram perfeitamente aplicados ao jornalismo. Se os primeiros anos da prática foram marcados por certa liberdade narrativa, tão logo a atividade tornou-se industrial a abordagem informativa dos assuntos passou a prevalecer. Critérios como o da objetividade jornalística, que impõem ao profissional da área um modo de narrar distanciado de seu objeto, atribuíram à prática ares de cientificidade.

Mas no fim do século XX a chamada crise da modernidade, estudada por muitos autores (Lyotard, 1993; Harvey, 1994; Hall, 2003, etc) colocou em xeque os discursos legitimadores dessa época. As mazelas sociais de nosso tempo mostraram que a confiança inabalável no progresso não se justificava e a noção de relativismo contribuiu para colocar em dúvida a existência de uma verdade científica única. Nesse movimento, é factível imaginar o jornalismo também como metanarrativa em crise, impelida a repensar seus próprios valores a partir de um conjunto de mudanças

⁸⁴*Hard news* é o noticiário factual “pesado” do dia-a-dia, normalmente publicado nas editorias de política, economia e cidade.

filosóficas, históricas e tecnológicas. A crise da imprensa não nasceu com a Internet, mas com a crise de valores hoje em processo de ressignificação.

Bruno Latour (1994) afirma que o mundo sempre foi caótico; a realidade, múltipla e hipertextual. A modernidade é que tentou nos convencer do contrário. Para o autor, o que ocorre hoje é que, na passagem para o século XXI, a Internet e suas conexões explicita o mundo como ele é de fato. No que se refere ao jornalismo, a chegada da rede apenas intensifica essa necessidade de uma revisão crítica. A rede traz outras formas de interação social, inclusive no âmbito do jornalismo. Crescem o volume e a variedade de informações disponíveis; aumenta a rapidez na disseminação dessas informações; aumenta o número de pessoas que participam desse mundo interconectado. Os blogs, em particular, abrem a possibilidade de interação com o leitor de forma direta e quase instantânea.

Acreditamos que, ao se desviarem do padrão narrativo da notícia jornalística, experimentando novas fórmulas, alguns jornalistas-blogueiros colocam-se em linha com esse processo de busca de um modelo de jornalismo mais condizente com a realidade atual. Recursos como o uso recorrente da narrativa na primeira pessoa e a valorização dos comentários de leitores configuram, a nosso ver, tentativa de, se não neutralizar, ao menos reduzir essa distância entre sujeito-jornalista e objeto-notícia que se estabeleceu durante boa parte da história do jornalismo.

As narrativas dos blogs de notícias parecem indicar também que a Internet não é lugar apenas para a informação jornalística instantânea. Não há como afirmar que a construção de narrativa jornalística nos blogs de Ricardo Noblat, Jorge Bastos Moreno e Josias de Souza representa uma tendência aplicável ao jornalismo em geral. Parece-nos, contudo, já ser possível dizer que eles contribuem para legitimar uma forma paralela de se fazer jornalismo que coexiste com a forma tradicional, ampliando o leque de possibilidades para o leitor e enriquecendo o jornalismo como um todo.